

MAIÊUTICA SOCRÁTICA COMO METODOLOGIA ATIVA NO ESTÁGIO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO: UMA ADAPTAÇÃO

Data de aceite: 01/10/2024

Fabiana Campos de Borba Vincent

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Entre os desafios enfrentados pelos professores na educação contemporânea, surge a necessidade de promover estratégias que auxiliem os alunos a se engajarem, de forma efetiva, promovendo habilidades críticas e reflexivas. Nesse contexto, as metodologias ativas emergem como alternativas promissoras, enfatizando a participação ativa do estudante no processo de aprendizagem. A maiêutica socrática, desenvolvida por Sócrates, é uma técnica de ensino que busca estimular o pensamento crítico por meio de questionamentos.

Nesse sentido, esse estudo busca apresentar o relato de uma adaptação realizada durante o estágio prático do Curso de Licenciatura em Filosofia, estabelecendo uma relação entre metodologias ativas na educação e a

maiêutica socrática, evidenciando como ambas promovem uma aprendizagem significativa e crítica. A maiêutica, como método de diálogo e descoberta, alinha-se a práticas educacionais que priorizam a participação ativa do aluno, o que resulta em um aprendizado mais profundo e engajado. O relato das atividades realizadas durante o estágio prático descreve a forma como os conceitos da prática socrática foram adaptados, de forma bem simples, durante as aulas, analisa os princípios fundamentais de cada abordagem, estabelecendo uma relação entre essas duas abordagens e suas implicações na prática educativa.

METODOLOGIAS ATIVAS NA EDUCAÇÃO

As metodologias ativas referem-se a uma gama de estratégias de ensino que envolvem os alunos em atividades que promovem a aprendizagem ativa. Elas incluem, entre outras, a aprendizagem

baseada em problemas (ABP), a aprendizagem colaborativa, a sala de aula invertida, a gamificação, a instrução por pares, a aprendizagem baseada em equipes, etc. Essas metodologias desafiam o modelo tradicional de ensino, em que o professor é o detentor do conhecimento e o aluno é um receptor passivo.

No contexto de metodologias ativas, o papel do professor passa a ser de um facilitador. Dessa forma, ele atua como um mediador do processo de ensino aprendizagem. Para isso, o profissional deve agir como um orientador, criando oportunidades para que os estudantes possam construir seu próprio conhecimento e desenvolver suas habilidades e competências. Os princípios das metodologias ativas incluem a centralidade do aluno, a construção colaborativa do conhecimento e a promoção de habilidades críticas e reflexivas. Nesse sentido, essas abordagens incentivam a autonomia discente e a sua participação ativa na construção do conhecimento, ao contrário do ensino tradicional, em que a participação do aluno se dava de forma passiva.

Ribeiro e Irala (2020), amparados no conceito de Mitre (2008), afirmam que tornar um sujeito ativo é possível a partir do momento em que o aluno é conduzido a um novo posicionamento de sua consciência passiva na aprendizagem para uma consciência crítica, curiosa, criativa, indagadora e sempre insatisfeita. Os autores também apontam que os estudos de Rozal *et al.*(2017) apontam que essa mudança deverá ser conduzida através de atividades que envolvam o raciocínio para a resolução de questões. Dessa forma, além de sair do tradicional, essas atividades instigam os alunos para o pensar e o observar.

Do ponto de vista de Lima e Farias Junior (2020, p.14), “as metodologias ativas são vistas como uma exímia possibilidade de atender a várias ânsias sociais: aprender fazendo, pensando, colaborando, criando”. Os autores acreditam que, por meio delas, é possível preparar melhor um estudante para a vida pós-escola, buscando a autonomia na sua formação. Para eles, as técnicas utilizadas nas metodologias ativas são eficazes e transformam o aprender em uma atividade significativa e prazerosa.

A MAIÊUTICA SOCRÁTICA

A maiêutica é um método filosófico desenvolvido por Sócrates, que se baseia na ideia de que o conhecimento não é transmitido, mas descoberto. Por meio de um diálogo estruturado, o educador faz perguntas que levam o aluno a refletir e chegar a suas próprias conclusões. Conforme Rodrigues (2023, p.22), “a prioridade do seu método era a de fazer com que o interlocutor, a pessoa com quem ele dialogava, buscasse sua própria verdade interior; incentivando-o à reflexão e a busca pela verdade individual, em vez de impor suas próprias opiniões”. Para o autor, “Sócrates acreditava que o conhecimento

verdadeiro só poderia ser alcançado por meio da autorreflexão e do questionamento constante” (Rodrigues, 2023, p.22).

De acordo com Kunzler (2021, p. 30), “entre os tantos ensinamentos legados por este filósofo, a maiêutica é a que, na área do ensino, mais contribuiu e até hoje contribui para a formação de sujeitos pensantes...”. Nesse contexto, a maiêutica é uma técnica que visa provocar a reflexão e a autodescoberta. Sócrates acreditava que, ao fazer perguntas incisivas, era possível ajudar os alunos a se conscientizarem de suas próprias ideias e preconceitos, promovendo uma aprendizagem mais significativa.

De acordo com Herpich (2023), o método pedagógico socrático consiste basicamente em assumir certos caminhos de argumentação. Para o autor, Sócrates assume a atitude de aprendiz, começando sua lição não como quem vai ensinar, mas como quem quer aprender do seu interlocutor. Herpich (2023) pontua que a forma principal de interação são as perguntas de Sócrates. Nesse processo,

Explicações por parte de Sócrates são raras, e servem apenas como encaminhamento e direcionamento formal, uma vez que o conteúdo da argumentação é apresentado pelo interlocutor. Sendo assim, a responsabilidade pelo curso da argumentação é do interlocutor de quem as respostas surgem. A justificativa pedagógica de colocar a responsabilidade da argumentação no aprendiz é a propensão deles em levarem mais a sério uma lição que pertence a eles do começo ao fim. Por serem obrigados a assumir a responsabilidade sobre suas próprias visões, os aprendizes são forçados a desenvolver habilidades de pensamento crítico: precisam justificar suas crenças, esclarecerem seus pressupostos, reconhecer suas inferências lógicas (Herpich, 2023, p.111).

Nesse sentido, o aprendiz desempenha um papel de protagonista no processo de desenvolvimento do pensamento crítico, participando de forma ativa na construção do conhecimento. Herpich (2023) afirma que há diversos elementos da pedagogia socrática que podem servir como fonte de inspiração para a educação contemporânea. Para ele, a ênfase no diálogo, um dos elementos centrais do método socrático, “revela como a educação deve ser uma construção íntima entre educador e educando, baseada no questionamento e na reavaliação de crenças e ações” (Herpich, 2023, p.113).

CONEXÕES ENTRE METODOLOGIAS ATIVAS E MAIÊUTICA SOCRÁTICA

Ambas as abordagens enfatizam a importância do diálogo na aprendizagem. As metodologias ativas, ao priorizarem a participação do aluno, se aproximam da prática socrática, que utiliza perguntas como ferramenta de ensino. O diálogo é fundamental para a construção do conhecimento e para o desenvolvimento do pensamento crítico. Além disso, é possível observar que a reflexão é um elemento central tanto nas metodologias ativas quanto na maiêutica. Nesse sentido, ambas promovem a autonomia do aluno,

permitindo que ele se torne protagonista de seu processo de aprendizagem. O papel do educador, nesse contexto, é mais de mediador do que de transmissor de conhecimento.

ADAPTAÇÃO DO MÉTODO SOCRÁTICO NO ESTÁGIO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

De acordo com Kunzler (2021; p.32), “atualmente, não chamamos de maiêutica a prática de ensino em que a construção do conhecimento se dá centrada no aluno, a partir da mediação do professor, mas pode-se perceber que a essência e a base dos métodos atuais se assemelham aos que Sócrates utilizava na Antiguidade. Dessa forma, todas as aulas foram planejadas de forma que o debate e a participação oral dos alunos fossem o foco central. Tendo como base, em cada aula, a vida e obra de um filósofo específico, bem como suas contribuições para a filosofia política.

Em meu trabalho, busquei pôr em prática a ideia de Japiassú e Marcondes (2001) de que o modelo “socrático” deriva seus princípios fundamentais da antiga prática da maiêutica, que serve como uma abordagem educacional que visa orientar os indivíduos na autodescoberta do conhecimento e da compreensão. Para que se possa aplicar esta metodologia, perguntas são feitas por um professor que deve encarregar-se, com elas, de guiar o aluno para o conhecimento. Essa técnica pressupõe que a verdade se encontre oculta na mente de cada pessoa. Através da dialética, o próprio indivíduo vai desenvolvendo novos conceitos a partir das suas respostas. Em minhas aulas, tendo por base a Maiêutica Socrática, busquei sempre contextualizar os temas de filosofia política e as principais ideias dos filósofos. Além disso, procurei suscitar o debate caracterizado pelo diálogo a fim de auxiliar os alunos a pensarem por si mesmos, desenvolvendo o pensamento crítico e autônomo para, a partir desse pensamento autônomo, capacitá-los a expressar suas impressões a respeito dos temas trabalhados.

Em meu estágio prático, trabalhei sobre Filosofia Política em uma turma de terceiro ano do Ensino Médio, em uma escola situada no centro da cidade de Bagé, RS. Era uma turma extremamente pequena. Apesar de no caderno de chamada constarem mais de vinte nomes, no dia de maior frequência, tive apenas doze alunos em sala. Na maioria das noites, havia entre seis e oito alunos. Nas aulas que ministrei, busquei oportunizar momentos em que os estudantes participassem de forma ativa e motivada. Meus objetivos, durante a análise da adaptação da Maiêutica Socrática no ensino de Filosofia no Ensino Médio foram: 1. Detectar se seria possível realizar debates em sala de aula; 2. Analisar se os alunos se sentiriam motivados a participar, explicitando suas ideias a respeito dos temas tratados; 3. Ajudar os alunos menos participativos a expressarem suas impressões de forma clara e objetiva.

Nesse contexto, tendo como pano de fundo uma frase célebre de um filósofo político, em cada aula, procurei propor um debate acerca da referida frase e busquei ajudar os alunos a tirarem suas próprias conclusões e, a partir dessa conclusão, expressar oralmente suas impressões sobre o tema abordado em aula. A partir dessa discussão inicial, a aula se desenvolveu com a apresentação da vida, contexto histórico-social em que estavam inseridos e principais ideias de seis filósofos com relação à política. Ademais, estimei o debate, sempre buscando analisar o perfil dos políticos brasileiros da atualidade à luz do pensamento de filósofos como Maquiavel, Rousseau e Hobbes, entre outros. Ao mesmo tempo em que eu apresentava o contexto histórico, a biografia e os principais conceitos abordados pelos seis filósofos que trabalhei, busquei relacionar cada conceito, estabelecendo relação entre o tema da aula e o contexto político-social brasileiro na atualidade.

Em cada aula ministrada, busquei trabalhar uma introdução sobre a vida e a obra de seis filósofos que abordaram a política, são eles: Aristóteles (384 aC- 322 aC), Maquiavel (1469-1527), Thomas Hobbes (1588-1679), John Locke (1632-1704), Montesquieu (1689-1755) e Jean-Jacques Rousseau (1712-1778). Considerando a carga horária de uma hora-aula semanal para a disciplina de Filosofia e o conseqüente tempo exíguo, busquei despertar a curiosidade dos alunos a se aprofundarem em pesquisas sobre os filósofos trabalhados. A fim de despertar a curiosidade da turma, eu apresentava uma frase célebre de um pensador.

Na primeira aula, trabalhei a sentença: “O homem é um ser social” de Aristóteles. Essa frase serviu de introdução ao assunto que seria abordado nesse dia. Na sequência, os alunos foram convidados a dizer o que achavam dessa sentença. Se eles concordavam ou não. Por quais razões concordavam ou discordavam. A partir dessa discussão inicial, distribuí ao grupo uma folha impressa contendo uma síntese da biografia de Aristóteles e um breve resumo dos regimes políticos e as formas de governo segundo o pensador, em sua obra “Política”. Na sequência, entre outras questões levantadas, questionei a turma sobre qual seria o regime político em que vivemos no Brasil. Após algumas respostas, perguntei se eles concordavam com Aristóteles sobre a democracia ser um regime ruim e por quais razões eles concordavam/discordavam. Houve algumas manifestações um pouco discretas.

Na segunda aula, trabalhei sobre o conceito de governante ideal na concepção de Maquiavel (1469-1527). As questões-chave na discussão foram: para você, como deve ser um governante? Qual deve ser a postura de um bom governante? Você já ouviu a frase: “os fins justificam os meios”? Concorda com ela? Como na aula anterior, os alunos foram convidados a expressar suas impressões. O pequeno grupo, mais uma vez, participou de forma tímida.

Na terceira aula, apresentei o pensador Thomas Hobbes (1588-1679), sua biografia e a obra “O Leviatã”. As questões norteadoras foram: “Para você, qual a maior ameaça à existência do ser humano?” Você já ouviu a expressão: “O Homem é o lobo do homem”? Nessa aula, abordei o conceito de estado de natureza, dei início aos Contratualistas e busquei fazer uma relação com o contexto social atual. A partir desse dia, o grupo começou a se expressar com mais naturalidade e desenvoltura. Na quarta aula, trabalhei sobre John Locke (1632-1704), apresentei uma breve biografia e os conceitos de Empirismo e Liberalismo. A expressão que serviu de base à discussão foi: “Onde não há lei, não há liberdade.” Alguns alunos se mostraram contrários a essa ideia. Por meio de exemplos simples, como não ter liberdade para dormir se não houvesse uma lei que tratasse da questão da perturbação do sossego, entre outros, tentei mostrar ao grupo que as leis são importantes. Inicialmente, alguns alunos discordaram. Contudo, ao longo do debate, as opiniões foram mudando e o que alguns viam como algo negativo acabou se tornando algo positivo. Reconheceram que a liberdade de uma pessoa vai até onde começa a liberdade de outra e que as leis não servem somente para proibir certas condutas, elas ajudam a evitar inúmeras coisas que, se não fossem proibidas por lei, impediriam a vida em sociedade.

Na quinta aula, trabalhei com Montesquieu (1689-1755) e suas ideias sobre a divisão dos poderes e a criação de um conjunto apropriado de leis civis e criminais para garantir a segurança pessoal. Tendo como base a célebre frase: “Liberdade é o direito de fazer tudo o que as leis permitem”, busquei dar continuidade ao debate da aula anterior. Nessa aula, as manifestações foram boas, o grupo já estava acostumado a opinar sobre o tema de cada aula e o assunto foi uma sequência do que fora trabalhado na semana anterior. Na sexta aula, trabalhei Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), sua biografia e obra intitulada “O Contrato Social”. Nesse dia, a frase norteadora da discussão foi: “O homem nasce bom, mas a sociedade o corrompe.” Nessa aula, comparei as ideias de Rousseau e Hobbes. A noção de ser humano no estado de natureza, a questão da propriedade privada e o papel do contrato social para cada um dos dois filósofos foram discutidas nesse dia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do estágio, no início de cada aula, fiz uma breve revisão da aula anterior antes de passar ao assunto que seria abordado no dia, buscando, assim, situar os alunos que estiveram ausentes na semana anterior e lembrar os que estiveram presentes. Em todas as aulas, para ganhar tempo, disponibilizei uma folha impressa com um resumo da biografia e das principais ideias de cada filósofo sobre política.

Ao final das práticas, a respeito dos objetivos da adaptação do método socrático no ensino de filosofia no ensino médio, foi possível concluir que, no que é possível realizar debates em sala de aula. Acredito que o fato de ser uma turma pequena foi algo que contribuiu positivamente para gerenciar o debate. No que concerne à motivação dos alunos, no início não foi fácil fazer com que eles participassem. Por outro lado, como tive pouco contato com a turma, não consegui chegar a uma conclusão se os alunos eram pouco participativos ou se alguns chegavam cansados demais do trabalho para poderem participar de forma mais ativa em sala de aula.

Entretanto, foi possível notar uma melhora na disponibilidade do grupo em participar e na maneira de se expressar ao longo das seis aulas. Por fim, o objetivo de ajudar os alunos menos participativos a expressarem suas impressões de forma clara e objetiva também foi alcançado porque toda a turma interagiu durante os últimos debates. Dessa forma, os estudantes puderam, gradualmente, participar de forma ativa durante as aulas.

Como perspectiva para pesquisas nessa área, sugere-se a aplicação da maiêutica socrática também em outras disciplinas escolares e a construção de instrumentos de avaliação disponibilizados previamente aos estudantes, a fim de que se familiarizem com as práticas esperadas nessa abordagem. Por fim, também recomenda-se que se avalie a visão dos estudantes sobre suas facilidades e dificuldades em relação ao modelo de ensino proposto, de forma a qualificá-lo ainda mais, registrando e categorizando as perspectivas discentes sobre tais experiências.

REFERÊNCIAS

HERPICH, Jean Carlos. A Pedagogia Socrática. **IF-SOPHIA**, v. 9, p. 98-115, 2023.

JAPIASSÚ, Hilton. MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. Terceira Edição Revista e Ampliada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

KUNZLER, Luana. **Contribuições do Entrelaçamento entre a Maiêutica Socrática e a Pedagogia Freireana para o Ensino**. Dissertação do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado em Ensino da Universidade do Vale do Taquari – Univates, Lajeado, 2021.

Mitre, Sandra Minardi et al. Metodologias ativas de ensino-aprendizagem na formação profissional em saúde: debates atuais. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 13, p. 2133-2144, 2008.

RIBEIRO, Everton Silva; IRALA, Valesca Brasil. Uso da Metodologia Problem-based Learning pelas Diferentes Áreas do Conhecimento no Brasil: Uma Revisão Integrativa. **Revista Centro de Pesquisas Avançadas em Qualidade de Vida**, p. 1-12, 2020.

RODRIGUES, João Vitor Soares. **Paideia Socrática: Reflexões sobre a Formação Integral do Homem**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação (FE), Pedagogia, Goiânia, 2023.

ROZAL Edilene Farias; SOUZA Ednilson Sergio Ramalho de; SANTOS, Neuma Teixeira. Aprendizagem em matemática, aprendizagem significativa e neurociência na educação dialogando aproximações teóricas. **Revista REAMEC**. v. 5, n. 1, p. 143-163. 2017.

VILA, Ícaro Luís Fracarolli. FARIAS JUNIOR, José Petrucio. Metodologias Ativas no Ensino de Filosofia. **Open Minds International Journal**. São Paulo, vol. 1, n.3: p.74-88, Set, Out, Nov, Dez/2020.